



O Pastor, o Mestre, o Amigo, o Pai!

Fundador: PADRE AMÉRICO
21 DE JANEIRO DE 1961



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção e Administração
Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Propriedade da Obra da Rua

Director e Editor
PADRE CARLOS
Composto e Impresso
Nas Escolas Gráficas
CASA DO GAIATO

AFRICA

Voltámos a Luanda numa 4.ª feira à noite, depois da breve viagem ao longo daquela linha de penetração que tem seu termo em Malange.

Sexta-feira, após o almoço, começou a viagem para o Sul. A Fazenda da Boa-Entrada, no concelho da Gabela, era a primeira estação.

Uma hora depois de Luanda aterrávamos em Porto Amboim, uma vila pequenina, bem traçada, mas muito incipiente ainda.

Vista do ar, lembra um grande porta-aviões, com a sua torre lateral, feita de uma elevação paralela à costa. Vive do seu porto, por onde saem o café e o óleo de palma, produzidos em toda a região do Amboim.

Não demorou hora e meia que não partíssemos para o nosso destino. O automóvel de linha que nos levou, mais me parecia um brinquedo, que pequenina automotora de verdade. Fomos subindo a «torre do porta-aviões» e em breve entrámos na zona dos palmares.

Anoiteceu, entretanto. Os companheiros de viagem diziam-me das belezas das matas de café, mas nós só podíamos adivinhá-las.

Ao longo da linha, que serpenteia sempre até pênhalo de 1.000 metros de altitude, jogueiras denunciavam a presença das guardas indígenas.

Pouco passava das 20 quando chegámos. Na estação, grande festa a uma pequena habitante da «Boa-Entrada», que regressava em férias. Também por nós alguém esperava, de mando do Director da C. A. D. A., que havia de encher de gentilezas as breves horas que ali passámos.

De resto, todo o Pessoal da Empresa correspondeu muito afectuosamente ao nosso desejo de expansão de «O Gaiato», tendo registado ali um dos maiores grupos de assinantes novos, como o Júlio já noticiou em tempos.

xxx

Se fôramos por turismo, com certeza que não resistiríamos a permanecer na «Boa-Entrada» mais tempo do que o previsto. Muitas vezes me lembrei de Sintra e do Buçaco!

E das instalações?... Residências, Capela, Escolas, Clube Hospital — em tudo uma prova de bom gosto e de equilíbrio, que nunca precisou de recorrer ao luxo para alcançar tal nível de conforto. Compreendi a razão por que em Luanda tanto nos tinham recomendado esta visita!

Porém, a nota mais agradável ao nosso espírito, foi a pro...

(Tem a continuação na página seguinte)

adversidade; por honra e por deshonra; por infâmia e por boa fama; como sedutores, mas sempre verdadeiros; como castigados mas não amortecidos; como tristes, mas sempre alegres; como pobres, mas enriquecendo a muitos; como não tendo nada e possuindo tudo.

Longe de mim a ideia de lhe escrever estas cartas para o tornar melhor. Nós poderemos fingir o que não somos, mas esconder o que somos, isso é impossível. Eu só pretendo uma coisa de si; é que valorize os grandes dotes morais com que Deus o fez tão rico; «pobre e enriquecendo a muitos».

Saudades à D. J. e beijos aos petizes do seu, do coração,

Américo de Aguiar

FACETAS DE UMA VIDA

Continuação do número anterior

E temos finalmente a alma saciada? Não, S.. a sua alma é insaciável. Nem a fama, nem a glória, nem a ciência, nem a honra, nem as riquezas, nem mesmo a perfeição moral, nada na vida presente tem o poder de saciar a alma do homem! Então para que imprimiu Deus esta ânsia natural no coração de todos nós e não nos deu os meios de a satisfazermos?! Imprimiu nas andorinhas o instinto de emigração e elas encontram o que desejam nas terras estranhas. E só com o homem é tão cruel e injusto?! Marden diz: «as andorinhas não teriam o instinto de emigrar se não houvesse a terra para onde elas vão». Diremos então que Deus é injusto? De maneira nenhuma. A nossa finalidade absoluta é a immortalidade e com ela a posse real de Deus pessoal. Vê-Lo face a face. Ora como a perfeição moral é a única via que nos conduz ao último fim, eis a razão porque é também nela que a alma encontra o seu natural e possível bem estar da vida presente. (Marden: «se procurares ser perfeito verificarás que a perfeição já há muito te procurava»).

Veja, S., como somos grandes e felizes nós, os que, por fé e convicção, sabemos ser uma participação da substância divina. «Quem contra nós, se Deus é por nós», dizia S. Paulo aos Romanos. Que importa a penúria, a ingratidão dos nossos irmãos, as deficiências materiais, as dores físicas e os desgostos de toda a ordem? V. não me dizia na última carta que desejava ter mais filhos e isto numa época em que todos os homens da sua igualha os evitam, por mero egoísmo e terror da vida? É que eles não sabem que são filhos do Todo Poderoso. Querem ser ricos e são pobres, miseráveis. Se todo o homem compreendesse a sua nobre missão na terra, como tudo mudava! Veja; ao contrário dos outros homens, V. ama e quer difundir o seu amor por mais filhos do que os que tem. É muito recto o conceito que faz da vida. A D. J. é a mulher mais feliz que eu conheço e os seus fi-

lhos, se lhe forem fieis, terão um grande lugar entre os homens e hão-de ser abençoados no Senhor.

«Combatamos a vida, diz S. Paulo aos Coríntios, com verdade, com justiça e com a virtude de Deus na prosperidade e na

CUSTA muito sofrer. Todos nós o atestamos. Trata-se de violência à ânsia natural de felicidade que todos sentimos. Mas, quando o sofrimento é incurável custa mais. E se dele há plena consciência, então as horas são evidentemente cruéis e horrivelmente dolorosas. Não é pois, vulgar; é até muito rara a aceitação pacífica desta experiência. A senhora Orinda conhece bem o mal que o Senhor lhe mandou. Mais: sabe perfeitamente que não tem cura, e que a medicina universal se confessa incapaz perante esta doença, hoje tão em moda: o cancro. Ora, apesar de tudo esta doente respira paz. Vive em paz e alegria íntima. Paz que o Senhor lhe dá; alegria que ela colhe do sofrimento voluntariamente tomado. Não quer narcóticos. — «Prefiro sofrer. Antes quero as dores». Isto não é vulgar; é até muito raro, repito. Quem assim vive da Fé nos valores mais altos, prega com tanta veemência que nos torna mundo. Que pequeninos nos sentimos diante de Cristo que sofre! E quão felizes os que acreditam na presença do Crucificado em si mesmos!

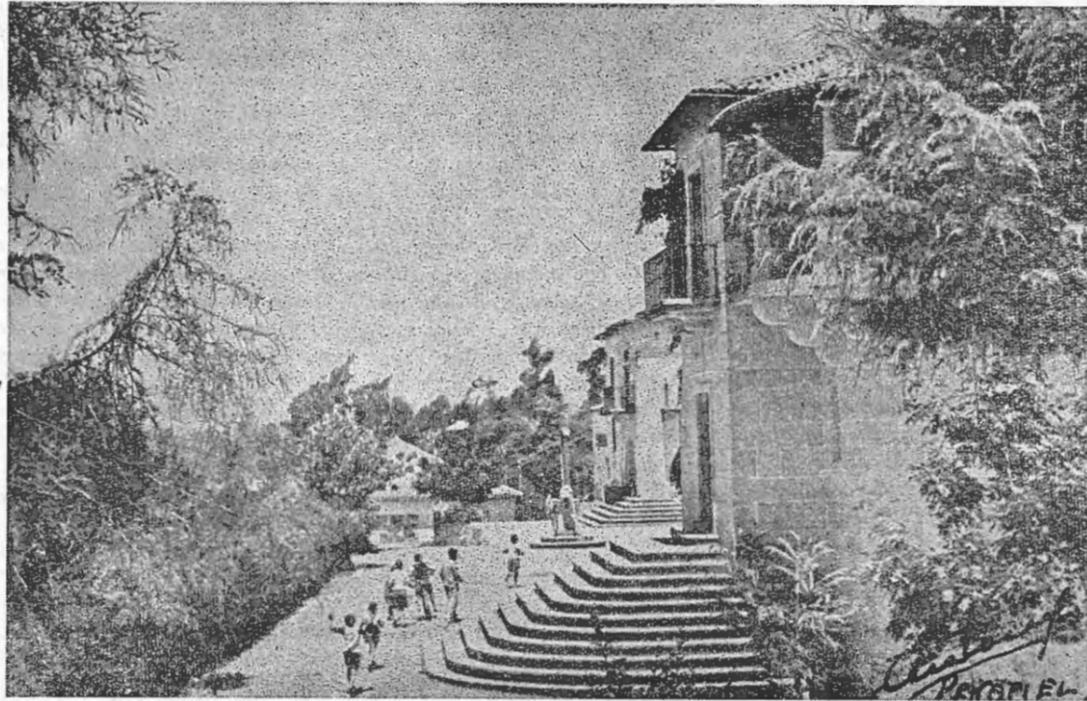
CALVARIA RIO

O Natal trouxe Cristo ao mundo há vinte séculos! Há quem teime em negá-lo. E contudo a Sua Presença viva e perene é incontestável. Sabes onde colhemos esta certeza? Na alegria que vemos estampada no rosto da senhora Orinda. Sofrer em paz — só Cristo.

Muitos não acreditam. Outros sim, mas vacilam, e vêm tocar com suas mãos e verificar com

os seus olhos. Muitos outros, porém, sem ver nem tocar, vivem a certeza da Presença de Cristo e são o instrumento de que o Senhor Se serve para ter aqui

continua na página DOIS



Um dos belos recantos do cantinho mais belo de Portugal.

AFRICA

V E M D A P R I M E I R A P Á G I N A

cupação encontrada pelo Pessoal indígena, nomeadamente pela mulher. Esta tem sido a mais esquecida, a quase abandonada. E no entanto, o seu papel de Mãe confere-lhe a mesma importância que em qualquer outra latitude tem toda a mulher de qualquer raça ou cor.

Vimos as esplêndidas escolas para os rapazes e raparigas naturais. Ouvimos belas canções em português e em «quibundo». À frente de umas e outras escolas, professores e professoras que ontem foram alunos. Sentí-me em casa: Obra deles, para eles e por eles. Sentí a inquietação de elevar aquelas almas na alma de quem dirige a Fazenda; inquietação pronta a todos os esforços e exigências; que só pede colaboração de quem o possa ajudar e só a espera dos que não-de ser ajudados.

Estive em uma casa de trabalhos domésticos para as raparigas. Tudo simples. Sempre o mesmo bom gosto, essencialmente civilizador. Nada que atraísse o equilíbrio. Falámos muito. Trocámos impressões. Trouxe o pedido de uma Rapariga ou Senhora enamorada do altíssimo ideal de dar a mão à Mulher africana.

Onde está ela?, a que há-de dizer: presente!

«Peço desculpa pela demora em satisfazer este meu débito, mas como V. Rev.^a sabe, a lavoura, ou por outra, a pequena lavoura—que é o meu caso—nesta região, anda pelas ruas da amargura. Mesmo quando a vida corre normalmente, Deus sabe as dificuldades que há a vencer nesta «arte de empobrecer alegremente», quanto mais quando surgem revezes, que criam problemas na nossa vida financeira de tal maneira graves, que a vontade mais forte se sente impotente para os resolver. E, não fosse a misericórdia de Deus intervir, cairíamos num tal desânimo, a tocar as raíças do desespero. Eis ainda o meu caso. Mas vamos adian-



Uma Carta

te. Porque se Deus permite tais revezes, é porque há na nossa vida moral, feridas a cauterizar e «O Gaiato» não tem culpa nenhuma disso.

Junto envio a lista dos assinantes que arranjei para o Famoso. Eu gostava que essa Obra fosse mais conhecida para estes lados. Queria que todos tivessem a ventura de ler esse ótimo jornal, porque ele é o arauto dessa grande Obra inspirada na pura doutrina do Evangelho. E uma vida de piedade à qual falte o espírito evangélico, facilmente desliza para o farisaísmo. É

por isso que não obstante ser a minha terra classificada como a mais religiosa do concelho, não vejo ninguém aflito pela miséria de algumas famílias que vivem em barracões, que nem para irracionais seriam próprios, quanto mais para seres humanos. Atendendo a isto não seria possível promover e desenvolver aqui a modalidade dessa Obra que se chama Património dos Pobres? Aqui não há vicentinos, mas o nosso Pároco é animado de boa vontade para tudo o que seja desenvolvimento espiritual da sua freguesia. Que fazer pois para dar início a essa obra?»



vem da página UM

os seus filhos doentes em mais aconchego. Tu, que aqui vais neste deslizar de quem deu, confirmas esta verdade.

«Junto o produto de quatro dias de trabalho, depois de ter estado dois meses e meio sem trabalhar. Só lhes peço que não se esqueçam desta pecadora».

Outra mais resoluta ainda, afirma: «Resolvi dar doze contos para uma casa aos doentes do Calvário. Eu não tenho casa e vivo numa sem conforto e ventilada demais no inverno. Tenho imensa pena de não poder possuir uma, mesmo pequenina que fosse. Mas, sinto-me satisfeita que outros a possam ter. Uma amiga». Quem tem palavras para comentar esta carta? Encerra força estranha mas dinâmica, digo, sobrenatural, que o mundo não entende. Revela uma doutrina na oposta à que o mundo dita: «Cada qual preocupe-se consigo mesmo e deixe os outros». O mundo que assim pensa não pode entender quem põe o interesse dos outros acima do próprio.

Mais alguém entrega o aumento de ordenado, para os irmãos doentes. A paróquia de Alcobaça vem amar os irmãos do Calvário. Uma amiga da Obra surge com migalha para alívio de seus irmãos enfermos. É espantosa a insistência em chamar a estes doentes irmãos! Ora esta insistência é fruto natural da verdade, verdade que Deus quis: somos filhos de Deus e em consequência irmãos.

Maria Júlia também está aqui. Os discípulos dum doente pedem sufrágio por alma deste. São do C. Lindo. Noémia quer igualmente sufragar ente querido.

Antonietta do Dafundo, ainda que longe, está presente com sinais de muito interesse pelos do-

entes. Ele roupas: algumas jeitossas pró Zézito. Amiga da Vivenda S. João de Setúbal traz também roupas. Admiradora de Oeiras com uma pedra para as novas construções. Evangélica em acção de graças pela saúde após longa doença. Mãe do Porto com outra pedra pelo bom êxito do exame da filha. Esperança também dá do que tem. Mais pedras de muitas terras. Ele é de Santarém, do Porto, do Restelo, da Murtosa, de Lisboa. E mais pedras de muitas mãos. Ele é de Raul do Porto, de Cândida da Foz do Douro, de Isolina, de Maria da Graça, de alguém que pede a bênção, de J. S., de Ana, de Adílio de Lisboa, de Anita

OFERECE-SE

oportunidade para uma senhora perder sua vida ao serviço dos doentes do Calvário.

em acção de graças pelos «85 anos do meu bondoso pai», de amiga dos Pobres, de doente para doentes, da viúva de Africa muito certinha, de outra viúva por alma do marido, de uma amendoense e de muitos anónimos.

Maria Amélia de Lisboa é mensalmente presente. Lúcia de L. Marques também tem sido constante em memória do filho querido. Emília de Lisboa não quer descansar e é sempre muito certa. Vicentinos do Porto parecem do mesmo modo desejar criar tradição. Trazem mimos pró doentes. Um assinante também quer melhorar a ceia de Natal. Anónima de Gaia creio que vem com as mesmas intenções.

As costureirinhas da R. Passos Manuel estão aqui radiantes om seu óbulo. Olívia com fruta. Armando com sua promessa. E com muito empenho em aliviar os doentes marcam presença Cornélia, Elvira, uma criada,

Maria Emília do Porto, Zélia da mesma cidade amiga, vicentinas do Gavião, E. A. C. de Lisboa, paroquiana das Antas, viúva que sofre com roupas, pecador, duas irmãs unidas, Luis de Coimbra, senhora amiga da Quinta das Camélias, e outra igualmente amiga da Quinta das Palhacinhas.

Alguns escondem-se escrupulosamente. No Banco P. de Magalhães aparece depósito de largos escudos. Quem foi? Outro anónimo vem cumprir «promessa que fiz pró Calvário dos nossos irmãos doentes».

Senhora de visita entrega-me sobredito na capela do Calvário.

«Portuense qualquer» não falta em todos os meses do ano. Nem o Senhor lhe faltou a ela por ter sido tão constante.

Amigo do Porto, em vésperas de Natal, deixa-me nos braços quatro peças de pano. Pecadora faz o mesmo aos brincos que tem.

Alguém volta dizendo que «nunca esquecerei a minha ida ao Calvário». O Porto também torna com um ferro de brunir, com cigarros e roupa. Setúbal com roupas. De Lisboa tem-no feito muitas vezes. Esta vem com muitos agasalhos mimosos. Ali trabalha-se a todo o instante. E abençoado trabalho.

Dois esposos da nossa Africa, vêm muito contentes com objectos em ouro e uma legenda tão linda: «O que demos um ao outro no dia do nosso casamento». Dar é sempre bonito; mas, dar desta maneira é incomparavelmente mais belo.

O Natal é ocasião habitual de manifestações de solidariedade. Nós que sempre colhemos, nesta quadra colhemos mais. Uns senhores do Porto vêm com uma remessa de regueifas. Outro com rebuçados. Mais outro com bolo-rei. Amigo de perto, todos os anos certo, vem com chales e cobertores. De Ordins também um chaile. De muitas origens maços de tabaco. A família de um doente falecido traz grande parte da roupa que aquele possuía, inclusivamente o carrinho do doente, mais os charutos com que ele se entretinha.

Eduardo pede sufrágio. Lúcia não esquece os que sofrem. Professora primária apresenta-se com óbulo digno.

A soma de todas estas parcelas dá em números 25.260\$00. O quanto, no pós-Natal, virá em breve nestas colunas.

Padre Baptista

SETUBAL

Cinco padres da região de Amarante vieram em Missão ao Sul trazer a mensagem de Cristo «Por um Mundo Melhor».

Assentaram arraiais em nossa Casa, fizeram aqui o seu quartel general e daqui irradiaram o fogo interior que lhes queima o coração e a luz que lhes alumia a inteligência. Fogo que é amor puro, sem mistura de interesse algum e os levou a esta viagem longa e dispendiosa, ao abandono das suas freguesias e da sua vida inteira e os trouxe por aí abaixo. Não em viagem turística ou de recreio mas em missão de trabalho duro, persistente, combativo; em missão de oração e penitência; convívio com a gente ignorante, desconfiada que vê no padre o «bicho de sete cabeças» capaz de tudo, menos de procurar o seu bem.

Luz que brilha desde o presépio de há dois mil anos e que por incúria nossa não alumia ainda grande parte dos homens de hoje. Luz que é única. Todas as outras são trevas e podem apenas entenebrecer o mundo! Só a Luz de Cristo é verdadeira! Nela encontram os homens todas as soluções para todos os complicados problemas que a sua complicada vida pode provocar.

Aqueles sacerdotes que fazem parte duma comunidade, semelhante à dos doze que seguiram Jesus mais de perto, ofereceram-se cotizaram-se, estudaram-se, santificaram-se, rezaram, fizeram rezar e partiram a ensinar. Como outrora,

Colabore na
Campanha de
Assinaturas

eles sentem e vivem a frescura da Boa Nova! Como os Apóstolos eles acreditam na força avassaladora do Evangelho perante a qual todas as outras cedem. Eles sabem que os homens, embora intimamente bons, vivem dominados pelas correntes do egoísmo porque ninguém lhes mostrou outra corrente mais poderosa e sedutora que se chama amor do próximo.

Aqueles sacerdotes, párocos ou não, vivem em comunidade, não de habitação mas de vida, tentando realizar à letra a doutrina que pregam e o exemplo do Mestre que seguem!...

Sendo assim não podiam contentar-se com o seu meio, embora largo. O seu espírito e o dos seus fieis vai-se dilatando à medida que Cristo vai deles tomando posse. Vão-se apoderando da mensagem «Por um Mundo Melhor»: — «acordar os homens para a grande verdade da família humana». Por isso eles vieram.

Conviveram com esta gente. Foram às suas casas conhecer a sua vida, comer do seu pão, saber dos seus problemas, aprender a sua mentalidade, ganhar-lhe o coração e dar-lhe a Luz de Cristo. Simples, de batina preta e riso na alma, aí andaram eles, uma semana a semear a alegria e a paz que Cristo nos trouxe.

«Ai que se nós os padres fôssemos todos da Nova Lei, que bem que nós faríamos e como havíamos de revelar ao homem quem ele é e quanto vale, nós que somos postos na vida para ser a luz do mundo!»

Como Pai Américo tinha razão!

Por isso a missão deu resultados extraordinários. Por isso vidas se modificaram. Por que o Espírito Santo desceu e nós fomos forçados a acreditar nos carismas da Santa Igreja.

Padre Acílio



Cheguei agora mesmo de visitar os doentes dos Hospitais de Celas. Fomos levar-lhes uma pequenina lembrança de Natal, como é costume. Faz-nos bem esta visita. Faz bem a todo aquele que reconhece a sua dependência da vontade de Deus. Hoje eles e talvez amanhã nós.

Da parte da manhã andei aos recados na Baixa. Muita gente me conheceu. Ao chegar a casa despejei os bolsos:

Uma senhora e um senhor

TRIBUNA

de Coimbra

com tome lá, na Sé Nova; mais um encontro com um Doutor Juiz e cem na minha mão; mais cem a seguir; vinte em frente de Santa Cruz;

um rolo de solas e cabedais da Fábrica de curtumes; um envelope com quatrocentos; das amiguinhas; outro com sessenta e um embrulho no Castelo; uma peça na sociedade de fazendas; duas peças num estabelecimento.

Um carregamento de mercadoria para a nossa consoada, oferecida por uma senhora que tem muitas lembranças assim. É por alma dos entes queridos. Um envelope com duzentos, no Lar; vinte de B. F.; um saco de castanhas por alma de quem muito nos queria; os mimos da Triunfo; quinhentos da Auto-Industrial; cem dum armazém; cem da Sociedade Nacional de Sabões; quinhentos da C.R. do Arroz; cem numa loja; cem para os doentes; cem e roupas e mais cinquenta levados ao Lar; cem e a promessa da peça de fazenda do costume de Senhora amiga e muito doente. Seja por alma do marido. Quinhentos dum sacerdote que dá sempre quando tem. Quinhentos de amigo que veio à nossa Missa; a visita do Casal que vem há quinze anos em dia de Natal; vinte de Santarém; recado aos vendedores.

Trezentos de Leiria; vinte para a campanha; vinte para a Casa S. Carlos; vinte para o Calvário; seis selos e um desabafo, de Coimbra; cinquenta da Lousã em acção de graças pelo exame dum filho e o mesmo da mesma terra por o filho ter concluído o Curso. Se todos soubéssemos agradecer a Deus os favores que continuamente nos faz, como todos os homens seriam felizes! Mil trezentos e cinquenta no Castelo para uma casa já feita e habitada e para os pobres; mil 600 em Santa Cruz e promessa de continuar. É alguém que compreende o preceito do Amor; cinquenta de Alcobaça por um parto feliz; 700 numa rua de Coimbra dados com muita alegria; trezentos de um grande amigo; cem de promessa a Pai Américo; cem na Igreja de Santo António; numa viagem a Lisboa com pessoas muito amigas foram quinhentos à partida, quinhentos e muitos bolos lá e quinhentos à chegada; uma migalha do 1.º ordenado com muita alegria pelo Curso acabado; cinquenta para o Património de uma jovem estudante; vinte e roupas a um vendedor; livros no Castelo, cem em vale de correio de um Engenheiro de Lisboa; uma sobrepeliz, no Castelo; vinte de promessa a Pai Américo; cinquenta para o Calvário e vinte da M.ª Julieta; cem de Cavião; cinquenta dum promessa a Pai Américo, da Covilhã; cem de vizinho amigo; cheque de quinhentos e uma casa «À memória de nosso Pai».

Padre José Maria

Padre Horácio

Ordins

R. Caridade, 16

Namoro sem dignidade onde vai parar? Pecado, deshonra, miséria, lágrimas. Eis os seus frutos de maldição. Filha incógnita, deixou-a a mãe no Hospital e foi-se. Já aqui se disse que entregar no Hospício significa uma monstruosidade moral: alijar toda a responsabilidade da mãe. A criança, essa a fica praticamente orfã de pai e mãe. É um estado de coisas desumano que medra ainda dos nossos costumes.

Ora, continuando, a tal menina, *sem pai, nem mãe*, foi entregue a uma família que a criou e mais tarde foi servir para a cidade, onde ganhava boa soldada. Podia ir amealhando, com vistas ao seu futuro casamento. Podia ser feliz. Um dia, porém, resolveu inesperadamente despedir-se e confessou o seu pecado. Estava deshonrada. E lá partiu, agora, com ele, «senão ele deixame». Ambos menores, iam, agora, rebaixar-se mais ainda, vivendo em condição animal, maritalmente. A miséria moral e material avassalou este lar, que a paixão da carne fez, e chegará ao auge, quando o rapaz for dar o tempo de serviço militar. Isto vem a propósito dum carta deste moço, hoje recebida. E eu penso: tem-se interessado a opinião pública em Portugal e feito importantes campanhas contra o pé descalço, analfabetismo, mendicidade... Mas é incontestável que tudo isto vale muito menos que o que se fizer a-bem-da família legítima, primeira célula da sociedade humana. Neste capítulo há tanto por fazer—e nem tudo é difícil, meu Deus! Se a coisa é possível e necessária, por que não se faz?

Sobre o que aqui veio a lume, a propósito dum criança de 15 anos, que, breve, será mãe, chegaram-me ecos de três leitores. Um pároco alentejano, de acordo com a doutrina exposta, desabafa: «nesse ponto é tanta a miséria por estas bandas!...». Mondrões trouxe um donativo e deixa falar a alma: «como é possível que, em pleno século XX, se use oficialmente esta mentirosa e absurda expressão: pai incógnito?... Há, infelizmente, pais que, a coberto da impunidade, se recusam ao cumprimento dos seus deveres; o que talvez se poderia evitar, se, no caso de o pai não se apresentar, no acto do registo do nascimento, a declarar a sua paternidade, a mãe fosse obrigada a denunciá-lo à Justiça, a fim de ser compelido a assumir a respectiva responsabilidade».

Em carta longa, na qual nem tudo é de pura lei, vem o Porto a discordar da pena de prisão para o pai que não dá o nome ao filho.

«Efectivamente, diz, o crime é dos maiores que se podem imaginar, embora fácil de reprimir e de acabar com ele, de uma vez para sempre, sem necessidade alguma de recorrer à prisão ou a qualquer outro castigo, seja qual fôr». Como Mondrões já expôs, o caso seria bem simples

de resolver. Mesmo assim, haveria, por vezes, faltosos, sobre os quais devia cair o respectivo castigo, pois «o crime é dos maiores que se pode imaginar». Mas o mal tem raiz. E a pena de prisão devia estabelecer-se antes de tudo para os pais ilegítimos, i. é., para os que transmitissem a vida, fora do matrimónio, uno e indissolúvel, que santifica a união do homem com a mulher. Um ferrete de ignomínia ficará para sempre marcado no nome do filho, desde que o pai, que pode ser pessoa bem importante e até o reconheça perante a lei, seja ilegítimo. Que exemplos de honradez e de nobreza de acções, de virtude, numa palavra, deixarão os pais àqueles que provierem de uniões adulterinas, incestuosas...? Tanta desgraça vai por esse mundo fora, com repercussões tão graves para os inocentes e para a sociedade, por quase não haver um travão para a imoralidade que campeia infrene! Mas passemos a palavra ao Porto: «nesses países civilizados não se admitem registos de filhos de pai incógnito. Se o pai não aparece, ou se não declara, as autoridades não descansam enquanto o não descobrem, para que tome as suas responsabilidades. Averiguado que seja o verdadeiro pai, é consequentemente como tal que é efectuado o registo, quer seja casado ou solteiro, tenha a categoria social que tiver... Ora aqui é que está o busílis da questão e a causa porque ainda se não fez a verdadeira justiça. É que às classes dominantes, aos grandes magistrados e aos magnates da indústria ou da riqueza... isso não convém de maneira nenhuma e, portanto, nunca se fará». Se é assim continuemos a bradar, até que as pedras nos oiçam, pois faz doer o coração «saber que são esses inocentes, filhos de pai incógnito, os únicos a sofrer as consequências de culpas ou faltas que não cometeram».

x x x

Leiam, sem estremeecer, se fôr possível, o que ouvi dum teceadeira, quando há dias recebeu a paga: «se não fosse v., eu e os meus filhos já nem ossos tínhamos!» Esta confissão deve encher de alegria todos o que têm ajudado Ordins.

Matozinhos veio por uma camisola e, em vez de 35\$ para o feitio, enviou 50\$. Para Lisboa camisolas e mais camisolas, tapetes e colchas. O Porto veio aos tapetes. Idem Castelo Branco.

Em Lisboa «um admirador da sua obra» fez uma subscrição entre colegas e veio por dois chales. Outros tantos para o Bombarral. Souto da Carpalhosa e sua Conferência não nos esqueceram.

Cucujães agasalha sua mãe com um dos nossos chales, que também «servirá de propaganda cá por estas bandas, para ver se vos posso ajudar um pouco. Sou operário e vivo do trabalho, mas, logo que possa, também quero ajudar Ordins».

Padre Aires

Aqui LISBOA

Veio nos jornais com um certo relevo de garantia notória, a notícia do total desaparecimento do bairro de latas das Santas Martas, em Algés. Uma Fundação vai tomar conta e construir casas condignas. Graças a Deus. Como neste, em muitos locais de Lisboa é urgente fazer o mesmo. As furnas de Monsanto estão em vésperas de ser extintas, porque ali vai nascer a ponte sobre o Tejo. Não se sabe ainda se do trabalho a realizar naquele local, consta a deslocação daquelas famílias para casas condignas.

Eu conto de como lá fui depois do Natal, porque os meus rapazes não me deixaram mais cedo. Comecei pela última pedreira. A penedia ameaça desintegrar-se por cima das barracas que ali são. Mora ali um casal há 48 anos. Ele paralítico; ela trôpega, dos anos e da vida. Um filho já homem e mentalmente débil trabalha numa fábrica de parafusos onde ganha para os três. Aproximo-me da espécie de porta. Estão a comer, mas noto alguém que antes não estava. É uma criada de servir. As duas mulheres comem do mesmo prato. O rapaz no seu e o velhote já tomou o leite — único alimento de há seis anos para cá.

— Então como veio aqui parar?

— Oh meu senhor os meus patrões foram para a Alemanha e como ainda não arranjei emprego nem tinha onde ficar estes pobrezinhos tiveram dó de mim.

— E onde dorme?

— É ali, responde.

Ali é uma arca velha de algum metro de comprimento posta aos pés da cama do rapaz. Não há mais espaço. Eu até tive de ficar à porta por não caber. É impressionante, nela, como neste casal que a abrigou, a delicadeza, a verdadeira grandeza de alma. Na desgraça nem um sinal de revolta, nem um aborrecimento nos outros, por terem em casa gente estranha. Quem seria capaz de compartilhar assim o seu quarto com uma infeliz? Ou dar-lhe comer do seu próprio prato, como as mães fazem aos filhos pequenos?! Eram caras de bacalhau e batatas, que tinham recebido para o Natal. Davam do que tinham e tudo o que tinham. Onde encontrarei eu tanta Caridade evangélica?!... «Faz aos outros como desejas que te façam». «Ama os outros como a ti...» Nós não somos capazes de o fazer sem calcular para nós a melhor parte. Estes dão a mesma barraca, o mesmo prato. Eu vim dali edificado. Que grandeza o Senhor faz brotar do coração dos Pobres para ter neles a Sua Imagem!

Dali desandei com estes pensamentos, guiado pelo rapaz para a barraca da irmã. Rapariga nova, mais asseio. Os filhos sujos e por baptizar. «A minha mãe diz que não vá à Igreja que não sei rezar». E ali estive tentando explicar. Como há-de ela compreender se a Graça supõe a natureza que ali é madrasta?

Mais abaixo a mãe de muitos filhos e homem tuberculoso. É uma autêntica palissada. A meio da estacaria uma barraca grande com duas camas e ao lado a cozinha. Como sabe o meu gosto pelas coisas limpas agarra-me por um braço para que entre e veja como está asseada a sua «barraquinha». Estes diminutivos!... Se a todo o lar fosse reconhecido e proporcionado o direito a uma casa sua... Mas quantas prescrições e impedimentos em contrário. Só as barracas são sempre barracas para a desgraça de quem se vê obrigado a lá morar. Como a irmã do Ti Alvaro, o que morreu canceroso da boca, no Natal do ano passado.

— Nunca cá apareceu ninguém do Seguro?

— Nada não, senhor Prior.

Na sua bondosa resignação ela vai dizendo que tem ali numa cama o seu irmão mudo e tarado. A outra cama é para ela marido e filha. Esta heroína espera com muito amor o seu segundo filho. E diz que não tem nada para o receber. Ao contrário de muitas mães esta quer sentir a felicidade de dar à luz tendo onde agasalhar o seu amor pequenino. Espero que venha a nascer com um pouquinho do conforto dos vossos filhos.

Eu tinha levado companheiros. Eles foram testemunhas. Um dos meus estudantes e um quase Padre do Seminário da Guarda. Espero que tenha absorvido esta luz e tome esta visita como uma graça de Deus. Para depois saber pregar que a fome, o frio e o desconforto destes infelizes é um pecado nosso que brada ao Céu.

E a avalanche continua!

Nada melhor para nos elucidar do amor que arde na alma dos leitores como nas cartas — aos montes — que temos recebido. São fogueiras acesas. Testemunhos que não podemos ocultar. E bem quereríamos publicar todas; mas o *Famoso* é pequeno e o espaço disputadíssimo. Ouçamos a voz da Juventude:

«Embora não sendo assinante, é sempre com alvoroço que espero o vosso jornal e com amor que o leio de ponta a ponta.

Hoje, é com muita alegria que venho colaborar na *Campanha de Assinaturas*, inscrevendo-me e a algumas pessoas amigas como assinantes.

Gostaria que a lista fosse completa, mas como não me foi possível (pelos menos por agora), não me sinto com direito de a reter por mais tempo em meu poder e fazer esperar os que querem conhecer (conhecê-lo é amá-lo!) o vosso jornal.

Agradece os benefícios produzidos na sua alma pela leitura do jornal «O Gaiato»

Uma Rapariga».

Oh carta! Pois que ela seja um guia para a mocidade que lê o *Famoso*. A mocidade, de sangue na guelra, pode e pode muito. Pode levar «O Gaiato», com o ímpeto natural da Juventude, a paragens onde ele ainda não é.

Agora, escutemos a voz de uma Costureira:

«Peço imensa desculpa de só hoje vos escrever, não que me tivesse esquecido de vós, mas eu sou costureira e tenho neste tempo de aproveitar pois o inverno é grande, e também tenho estado a ver se arranjava mais assinantes. Mas não consegui preencher todas as linhas, e creia que do coração sinto pena por não o ter feito e se soubesse, pessoas que gastam dinheiro em tanta coisa que nem a elas nem ao próximo beneficia, que quando se desculpavam dizendo que não podiam, eu parece que na minha cara elas compreendiam quanto eu dizia no íntimo...

Há tão pouco quem queira ajudar, e julga que o pobre é só o que bate à porta.

Oxalá que o vosso jornal abençoe estes novos lares onde vai entrar, e que as assinaturas se multipliquem são os votos sinceros da grande amiga da vossa Obra que pede a Deus para que seja cada vez maior.

P. S.: — É sempre com uma grande ansiedade que espero o vosso tão querido jornal».

Ao longo dos anos, um pormenor que caracteriza o *Famoso* é, sem dúvida, ele penetrar em todas as camadas, sobretudo na classe operária, na classe dos humildes, dos que vivem com dificuldades e que, por isso mesmo, o devoram de fio a pavio. Aqui

temos uma Costureira. E como a carta merecia vir encaixilhada! Sobretudo pelo que irradia! Quando se desculpavam dizendo que não podiam, eu parece que na minha cara compreendiam quanto eu dizia no íntimo... Quem melhor que os humildes, que das pedras fazem pão, que das migalhas uma riqueza, seria capaz de prègar alto e tão bem? Há tão pouco quem queira ajudar, e julga que o pobre é só o que bate à porta. Oh Doutrina!

x x x

Porto e Lisboa continuam a luta, o despique mais entusiástico da *Campanha*. E já que não pude rabiscar estas linhas em Paço de Sousa, por ter de vir ao Tojal em serviço, vejamos lá os senhores onde me vim meter! Desde os vendedores do Jornal ao Cândido e Senhor Padre José Maria, eu fui massacrado. Então Lisboa? Têm vindo mais assinantes? Compreende-se o desejo ardente de todos. Eles querem ter mais pèrtinho o coração dos lisboetas, que ainda não descobriram o caminho pró Tojal. Pois se em Lisboa temos tantos assinantes como no Porto, os se-

nhores lisboetas matem o desconsolo destes nossos irmãos. Venham por aí fora. Se não tiverem carro, a «Bucelense» tem camionetas a girar continuamente.

De Lisboa recebemos 28 deles e o Porto segue com 17. O Porto não é a grandeza lisboeta. E daí, não podemos queixar-nos por caminhar em segundo plano. Todavia, já acordaram todos os portuenses? E por estarmos a falar do Porto, aqui vai uma voz tripeira:

«De há muito venho sendo leitor assíduo do «Famoso», sem contudo me decidir a ser assinante. Hoje, porém, resolvi ouvir-me.

Além do meu, vão mais dois pedidos de assinaturas, afim de que o atraso seja um bocadinho minorado. Estes dois propostos a assinantes são daqueles que a Obra quer, no meu infantil entender. Não aceitaram única e exclusivamente para me serem agradáveis, mas para participarem da beleza da Obra».

Assim é que nos interessam assinantes. Gente que viva a Obra, e leia o *Famoso*, e saboreie.

x x x

A Província é um mar inesgotável! E nem sabemos por onde principiar! Vamos, então, começar pelas terras que melhor se explicaram, a ver se espevitam as mais quietas. Da Parede, uma alma que vive e sente todas as nossas alegrias e tristezas, apresenta uma lista de 13 com gente fresca de lá e de Portalegre. Ora eu, como sou alentejano, alegro-me quando eles vêm por aí fora. É que o Alentejo precisa tanto do nosso jornal! Segue-se Amarante com 5, Barreiro 7, Sacavém 10. Alhandra, Gandarela de Basto e Abrantes. Mais Alvorinha, Alcains, Covilhã, Leiria, Cucujães, Oliveira de Azemeis, S. João da Madeira, Alcobaça, Mafra, Braga, Tomar, Pardilhó, Pinhão, Coimbra, Pampilhosa da Serra, Vila Verde, Mogadouro, Eixo, Santo Tirso, Caldas da Rainha, Murtosa, Gafanha da

Nazaré, S. Martinho de Mouros, Monchique, Arouca, Carviçais e Tondela. O mapa cresce! O entusiasmo aumenta e «O Gaiato» há-de ir a todo o lado. Há-de ser o livro de meditação de todos os portugueses.

x x x

Finalmente os portugueses de além-mar. Bem desejávamos alongar as notícias de África e do Brasil. Mas... o Jornal quase ficava por nossa conta.

Lourenço Marques continua a bater o record! Chegaram de lá nada menos de 34. Só uma lista vem com 31!

Angola está a espevitar. Temos gente fresca de Nova Lisboa, Quinjenje, Silva Porto e Vila General Machado.

Do Brasil compareceu o Rio de Janeiro que, apesar de já não ser a capital do país irmão, não quer deixar os pergaminhos em mãos alheias.

E é tudo!

Júlio Mendes

Barredo

Véspera do Natal. Ao romper da aurora olho pela janela do meu quarto o velho Barredo e, mentalmente, vou percorrendo aquele labirinto de ruelas e escadarias, relembro visitas anteriores e interrogando-me sobre a sorte de alguns dos seus habitantes.

Sei que o Senhor Padre Manuel deve vir hoje ao Porto motivado por aquela «terra de heróis e de santos». Logo de manhã consigo autorização para acompanhá-lo e aguardo com ansiedade a hora prevista. Afinal, quando já julgava frustrados os meus planos, aparecem-me Senhor Padre Carlos e Fernando Dias. A alegria invade-me a alma, pois a aula prática de Teologia, como lhe chamaria Pai Américo, vai ter lugar. Eram 3 horas da tarde.

Senhor Padre Carlos já havia dado umas voltas e visitara a nossa conhecida Senhora Adorinda, viúva dum canceroso e o primeiro doente que ali conheci.

Muitos casos: miséria por culpa própria e alheia, quer do espírito, quer do corpo. Muitas doenças: alguns inválidos ou semi-inválidos jazem na cama. As ruas regorgitam de gente. Não fosse véspera do Natal! As lojas e as tabernas estão cheias...

Rua dos Mercadores. Como quem passa do dia para a noite entramos no único compartimento de 4 irmãos nossos, todos na cama. Um homem de meia idade, paralítico, tem junto

a si um netinho de meses, enquanto sua mulher tem a seu lado outro, qualquer deles filhos do pecado. Naqueles 9m2, que não mais, resume-se tudo: cozinha, quarto de dormir e o que mais se possa imaginar. Ao despedir-nos digo «boa noite». Eram 4 horas da tarde!

De todo o lado acorre gente. Não podemos parar. Fernando Dias só entrega o que levamos nas próprias casas e, para muitas somos solicitados a entrar...

Rua dos Bacalhoeiros. À beira do rio, um quarto(?) de pavimento térreo, atravessado pelos canos de esgoto: 6 pessoas e 3 leitões. Num jáz moribunda uma velhinha de 80 e tal anos; a seu lado, uma neta de 13 anos faz de enfermeira e de dona de casa. A garota dorme com a Mãe e a restante família, 3 rapazes, sendo o mais velho de 17 anos, ocupam o terceiro leito. Não há divisórias; nada separa aquelas camas. Que espanto nos poderão causar tantas desgraças se, para além do pão, falta o pudor e o respeito? Entretanto, Fernando Dias vai providenciar: adquirir pano e uma corda para uma cortina. O Senhor Padre Carlos apalpa a roupa dos leitões: sobre os colchões há apenas uma espécie de colcha, sem lençóis ou cobertores. Ai, que eu tenho tido 2 cobertores na minha cama e, quando preciso, ainda lhes junto a minha capa!

Vamos à «pobre do café».

Sentada na cama, toma o Senhor Padre Carlos pelo Senhor Padre Manuel. São 6 pessoas num quarto e já passou à eternidade uma pobre cancerosa que vivia deitada no chão!

Seguimos o nosso caminho. Entramos e saímos. Mais casos. O frio e a chuva justificam bem as queixas que ouvimos. Na região ribeirinha, o trabalho, para aqueles que têm as suas ocupações no rio, tem escasseado. As casas velhas ou os telhados avariados permitem a entrada da água. Nalguns lados, as paredes são forradas com 2 e mais camadas de papel de jornal, mas a humidade tudo repassa.

Vamos ver a família de um dos nossos rapazes. Está ali um drama que não pode ser aqui explicado por amor do que é nosso. Na cama está o pai. O rosto chupado denuncia o mal que o atormenta. Ao lado a mulher e quatro filhos. A humidade e o frio eram de tal monta que um Sacerdote ofereceu um pequeno aquecedor. Como me senti feliz por apalpar a presença de sacerdotes que dizem da Igreja de Cristo. E o mesmo quanto aos vicentinos dos dois sexos mas sobre estes nada devo dizer, por de lá ter vindo.

Passamos pela «Ti Rosinha», agora «Rosinha dos plásticos», como disse o

Senhor Padre Carlos. Sempre a mesma cara alegre e mais a a sua perna ulcerada. Subimos as Escadas do Barredo. Aqui e além entramos: mais miséria e mais sofrimentos.

Tenho de me despedir, pois é chegada a hora de regressar ao Seminário. Vou subindo; os meus companheiros descem para continuar as visitas. Embrulhado na minha capa vou meditando e sentindo como Jesus sofre no Pobre. Além, mais acima, desperto ao ouvir: «ai, parece o Padre Américo!» Fico contente, não com a pseudo semelhança física, mas por verificar que Pai Américo não morreu no coração daquela «terra de heróis, de mártires e de santos». De resto em todas as casas se vê a sua fotografia. A par da alegria sinto a responsabilidade: sou também da Obra da Rua, por outras palavras, continuador de Pai Américo.

Chego ao Seminário e dirijo-me à Capela. Vou depositar-me aos pés d'Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida. Ofereço-me uma vez mais por amor d'Ele, peço que me aceite e prometo ser também dos meus irmãos dos Barredos. À noite, como tinha encontrado em todas as casas um pouco de bacalhau para a consoada, levada por mãos amigas, saboreei como nunca o conhecido «fiel amigo», mais as batatas e o azeite. Louvado seja Deus!

L. B.

P. S.: L. B. são as iniciais de um Engenheiro Agrônomo que quis perder a vida para ganhar a Vida e hoje faz o 2.º ano de Teologia para ser «padre da rua».

